

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 43 jun-dez 2020 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de *Praça Dam*, 1668, óleo sobre tela por Jan van der Heyden, um dos principais pintores de cenas urbanas da Idade de Ouro Holandesa. A Praça Dam é historicamente um dos locais mais famosos e importantes de Amsterdam e da Holanda.

UM TRAMPOLIM PARA A ETERNIDADE

Kissel Goldblum

Professor, Universidade de Vassouras, Vassouras, Brasil

kisselgrj@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é exibir uma via pela qual a mente humana pode alcançar uma perspectiva eterna da natureza. Espinosa expôs a possibilidade de nossa mente compreender a essência dos corpos sob uma perspectiva eterna, que não está relacionada com a existência atual e presente dos corpos. Neste sentido, pretendo mostrar a importância em direcionarmos nosso entendimento à busca de uma via que supere o ponto de vista da duração, tão fundamental para a realização do verdadeiro conhecimento da Natureza. Conhecimento que exigirá algo mais do que interpretações, significantes e significados. No *Tratado Teológico-Político*, notamos que nossa mente, só pelo fato de conter em si, objetivamente, “a natureza de Deus e dela participar, tem o poder de formar certas noções que explicam a natureza das coisas” (ESPINOSA, 2008, TTP, p. 17). Se quisermos, realmente, entender a Natureza, precisamos nos considerar de maneira interna, e não externa a ela. Mostraremos que apenas através de uma análise não antropocêntrica dos gêneros do conhecimento de Espinosa podemos vislumbrar a conciliação entre a essência da Substância e a essência do modo e, assim, participar adequadamente da Natureza. “Por fim, vemos também que o raciocínio não é o mais importante em nós, mas somente como uma escada que nos permite nos elevarmos ao lugar almejado” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, cap. XXVI, p. 150).

PALAVRAS-CHAVE: Espinosa; Conhecimento; Natureza; Eternidade; Intuição.

Em outros termos, o mundo deve ser estetizado, o que significa se furtar ao problema propriamente dito e transformar novamente e de uma outra maneira o sujeito num sujeito puramente contemplativo, reduzindo a nada a “ação”. Outra possibilidade é elevar o princípio estético à categoria de princípio modelador da realidade objetiva. No entanto, para isso é preciso transformar em mito a descoberta do entendimento intuitivo.

Lukács, *História e Consciência de Classe*

Compreender é uma espécie de afecção porque ao entender nos alegamos, não é uma função meramente racional. Mas como formalizar e explicar essa dinâmica? Em outras palavras, por que ficamos felizes ao entender? Nos últimos parágrafos do *Breve Tratado* Espinosa afirma: cada “coisa corpórea particular não é outro senão uma certa proporção de movimento e do repouso” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §14, p. 160). Assim, o corpo humano é também uma certa proporção de movimento e repouso, de tal forma que o que determina o equilíbrio desta proporção está na mente do corpo ou, o que é o mesmo, na sua essência objetiva. Portanto, “se o repouso vem a aumentar e o movimento a diminuir, assim é causada a dor e a tristeza que denominamos frio. Pelo contrário, se o movimento é que cresce, assim é causa da dor que denominamos calor” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §14, p. 160) — desta dinâmica, origina-se toda a multiplicidade das sensações. As forças externas que nos impedem de entender perfeitamente a mente do corpo que nos constitui nos entristecem, nos afastam da ideia adequada de nossa proporção original, “daí se origina a alegria que denominamos repouso, exercício agradável e contentamento” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §14, p. 161).

Se a *natureza naturada* não introduz nada de novo na essência eterna de Deus (ESPINOSA, 2015a, PM, PII, cap. IV, p. 229), poderíamos nos questionar sobre a razão pela qual Deus a gera. A Natureza produz da maneira como se compreende — quando entendemos, agimos, porque, ao entender, apreendemos a causa da produção. De fato, sabemos que a razão da existência é a mesma pela qual ela existe. Sendo assim, devemos nos questionar sobre o que buscamos saber quando procuramos uma razão para a existência. Como Deus é imanente à duração, não existe uma razão para além da ordem das coisas fixas e eternas expressas aqui e agora, existentes em ato. A Natureza não é capaz de entender sua essência sem produzir as coisas que decorrem no movimento da extensão e no intelecto do pensamento. Destarte, o tema da *definição* é basilar no conhecimento da Natureza para Espinosa, porque o movimento e o intelecto, ou seja, a atividade da extensão e do pensamento, perseveram por meio de definições. A Natureza está sempre produzindo e se compreendendo, “segue-se daí que a potência de pensar de Deus é igual à sua potência atual de agir” (ESPINOSA, 2013, EII, P7, cor., p. 87). Ela não se exprime de maneira formal (nos seus modos), sem se entender de maneira objetiva (nas modificações). Quer dizer, quando a Natureza se expressa, ela também está se explicando. Espinosa sempre lembra que toda ação da Natureza é necessária, tudo o que se expressa revela a verdade de sua produção.

Com efeito, só temos potência para compreender ou conhecer na medida em que **participamos** da potência absoluta de pensar, que corresponde à ideia de Deus. Quando Espinosa lembra, ao contrário, que Deus se faz conhecer imediatamente, que ele é conhecido por si mesmo e não por outra coisa, ele quer dizer que o conhecimento de Deus não precisa nem de signos, nem de procedimentos analógicos (DELEUZE, 2017, p. 156, grifo nosso).

É certo que os homens nunca alcançarão o conhecimento verdadeiro da Natureza enquanto insistirem em conhecê-la através de algum signo ou de qualquer relação analógica, a qual exija um intermediário. Neste sentido, Espinosa sempre enfatiza para atentarmos à distinção entre *imaginação* e *intelecto* ou entre *ente de razão* e *ente real*. Para o autor, é impossível ao homem conhecer Deus por meio de palavras ou símbolos¹. Abandonar os significados é o primeiro estágio em direção ao conhecimento da Natureza. Deleuze, em *Cursos de Spinoza*, afirma: “Espinosa disse mil vezes que Deus não fabrica nenhum signo, ele se expressa. [...] isto é, ele revela relações. E revelar relações não é nem místico e nem simbólico” (DELEUZE, 2019, p. 32, tradução nossa). Quiçá, podemos fazer uma analogia com a *Alegoria da Caverna*, especificamente na primeira parte da dialética ascendente. Nas entranhas da Terra, no mundo dos mortos, os prisioneiros “acorrentados e imóveis desde a infância só podem ver o que se encontra diante deles no fundo da caverna: as sombras” (MARCONDES, 2002, p. 65). O primeiro estágio da libertação da caverna passa por reconhecer que o hábito e o costume fizeram com que estes homens vivessem por toda vida achando que as sombras eram a luz natural.²

Vico, na *Nova Ciência*, realiza um cotejo entre os estágios do desenvolvimento cognoscível do ser humano e o desenvolvimento histórico das sociedades humanas.³ O autor explica que todas as sociedades

1 “**Deus pode fazer-se conhecer aos homens: jamais por palavras.** [...] Assim estimamos impossível que Deus possa fazer-se conhecer aos homens por meio de algum signo exterior” (ESPINOSA, 2014, BT, cap. XIV, §10, p. 146, grifo nosso).

2 Poderíamos, facilmente, fazer uma relação com o TTP entre as revelações dos poetas e o conhecimento advindo da luz natural.

3 “Todas as nações gentílicas, já que todas tiveram os seus Júpiteres e os seus Hércules, foram, nas suas primícias, poéticas” (VICO, 1979, p. 16). De forma correlacionada, quando

arcaicas desenvolveram certos mitos para explicar a natureza porque a imaginação é o primeiro estágio do conhecimento humano. Sabemos que os povos antigos possuíam a imaginação muito viva e abundante em seu pensamento, talvez porque ainda não havia dado tempo para os homens desenvolverem os gêneros do conhecimento — o “pensamento do homem ocidental antigo era envolvido na imaginação” (FRANKFORT, 1977, p. 3, tradução nossa). Podemos entender essa suplantação da imaginação como parte de um processo natural, como parte da superação da infância pela qual toda pessoa tem que passar. As crianças tendem a explicar o mundo através de monstros e fantasmas, ou seja, por meio de imagens, posto que ainda não conhecem a causa do funcionamento da natureza. Ainda não tiveram tempo de conhecer as causas daquilo que as determina, ou seja, em termos espinosanos, a criança se constitui, em sua maioria, de ideias inadequadas. A infância é determinada por uma certa preponderância das paixões sobre as ações. Agora podemos entender um pouco melhor este cotejo que Vico realiza entre o período da infância humana e o período das primeiras sociedades, as quais explicavam a realidade por meio de narrativas mitopoéticas.

crianças, baseamos nosso aprendizado na repetição de sílabas, gestos etc. Notamos que a criança humana, antes de ser capaz de formar os gêneros inteligíveis das coisas, interpreta a realidade por meio de gêneros fantásticos: na exteriorização de monstros e explicações surrealistas, devido ao óbvio desconhecimento das causas da natureza. “Nas crianças vigoríssima é a memória, e, pois vívida em excesso a fantasia, que outra coisa não é senão memória ou dilatada ou compósita. É a evidência das imagens poéticas que precisou de forjar-se o primitivo mundo infante” (VICO, 1979, p. 46). Deduzimos que os primeiros poetas assim o foram em virtude de sua natureza imaginativa. Neste sentido, como mostra Giambattista Vico, as línguas provavelmente começaram pelas vozes monossilábicas, assim como começam a falar todas as crianças; relativamente, as antigas sociedades humanas desenvolveram-se nas selvas, a partir dos meios mais rudes e simples, depois nos tugúrios, aldeias, cidades, e, até edificarem-se as academias.

A imaginação, o primeiro gênero do conhecimento de Espinosa, trata da experiência vaga, que os sentidos representam mutilada. Por exemplo, podemos saber que iremos morrer porque vimos outros morrerem. Neste mesmo sentido, sabemos que o óleo alimenta o fogo, que a água o apaga, que a regra de três é uma maneira de conhecer uma quantidade que tenha para outra conhecida a mesma relação que possui entre si dentre dois valores numéricos etc., sem que exatamente saibamos a causa do funcionamento de todos estes processos. E como, em um primeiro momento, as coisas imaginadas oferecem um conforto maior aos homens do que a razão e a intuição, porque exige um esforço muito menor, tendemos a utilizar as imagens da imaginação para explicar as causas daquilo que não conhecemos e, assim, permanecemos apaixonados por nossas ilusões. Os “homens preferem a ordenação à confusão, como se a ordenação fosse algo que, independentemente de nossa imaginação, existisse na natureza” (ESPINOSA, 2013, EI, Apêndice, p. 71). No campo da imaginação, cada um julga as coisas de acordo com a disposição dos movimentos fortuitos de seu cérebro. Desta forma, tomam “as afecções de sua imaginação pelas próprias coisas” (ESPINOSA, 2013, EI, Apêndice, p. 71). Alguns não superam a imaginação e vivem por toda vida se constituindo de ideias inadequadas.

Para superar os significados necessitamos atentar à diferenciação das *ideias* e das *imagens* das coisas ou, de uma outra perspectiva, distinguir as *palavras* das *ideias*. Desta maneira, não confundiremos as *ideias* com as *palavras* (nem com as *imagens*). A concepção tradicional de verdade, definida como correspondência, ensinou que as ideias resultam do contato de nossa mente com as coisas extensas e, assim, as ideias foram encaradas

como meras pinturas mentais.⁴**No entanto, a ideia não consiste nem nas palavras e nem nas imagens**, “a qual não envolve, de nenhuma maneira, o conceito de extensão e, portanto, compreenderá claramente que a ideia (por ser um modo de pensar) não consiste nem da imagem de alguma coisa, nem em palavras” (ESPINOSA, 2013, EII, p49, esc., p. 149).

Quando imaginamos, o pensamento reúne características extrínsecas, imagens, e aí entra a linguagem. A imaginação definida nos termos dos primeiros aspectos pelos quais conhecemos as coisas são ideias inadequadas, advindas da experiência vaga. Estas ideias não se explicam por si próprias. Não obstante, o entendimento não passa pela supressão das ideias inadequadas, mas em utilizar aquilo que há de positivo nelas para conceber cada vez mais ideias adequadas possibilitando que as ideias inadequadas ocupem uma mínima parte em nós. Afinal, a ideia adequada é aquela que expressa sua produção, que se explica ao se exprimir, expressando sua própria causa. A ideia inadequada é inexpressiva — ela nos dá certos indícios, no entanto, não nos explica sua própria causa. Ela permanece sempre à margem da ideia verdadeira.

“Imaginar é sentir os vestígios que se encontram no cérebro devido ao movimento dos espíritos” (ESPINOSA, 2015a, PM, PI, cap. 1, p. 199). Por conseguinte, sucede que imaginamos imagens como entes reais. Por exemplo, quando tratamos o *início*, a *distância*, o *inferno*, a *justiça* etc., como ideias, só procedemos deste modo porque confundimos a imaginação com o intelecto, todavia estas palavras não são ideias, já

4 “Com efeito, aqueles que julgam que as ideias consistem nas imagens que em nós se formam pelo encontro dos corpos estão convencidos de que essas ideias das coisas das quais não podemos formar nenhuma imagem que se lhes assemelhe não são ideias, mas apenas ficções que fabricamos pelo livre arbítrio da vontade” (ESPINOSA, 2013, EII, p49, esc., p. 149).

que não possuem ideado. Contudo, dizer que a ideia concorda com seu ideado, realmente, não define nada intrínseco da ideia, porque a compara com algo externo a ela — o ideado. Para dar uma definição intrínseca, precisamos definir a forma lógica das ideias que não se confunde com as maneiras pelas quais nós as compreendemos.⁵ Para compreender a Natureza de uma perspectiva eterna da mente humana é preciso superar as maneiras pelas quais temos tentado compreender as coisas⁶, e ousar compreendê-las como são tudo o que é: *entes reais*. Os modos tradicionais são modos de conhecer que exigem algum dispositivo intermediário, alguma “ferramenta epistemológica” que possibilite “ao homem conhecer a Natureza”. Se seguirmos nessa trilha, cairemos “por causa disso em grandes erros, tal como aconteceu a muitos até hoje” (ESPINOSA, 2015a,

5 “Donde também é fácil ver com quanto zelo cabe precaver-se na investigação das coisas, a fim de não confundirmos os entes reais com os entes de razão. **Uma coisa com efeito é inquirir a natureza das coisas; outra, inquirir os modos pelos quais as coisas são por nós percebidas**”. (ESPINOSA, 2015, PM, PI, cap. 1, p. 201)

6 Ou seja, temos tentado compreender a natureza através dos *entes de razão*, como se estes funcionassem como uma espécie de intermediário entre nós e a natureza, e que toda teoria do conhecimento estivesse, de certo modo, resumida nesta operação (a saber, desenvolver um método, ou um algoritmo, capaz de “decifrar” a Natureza e de interpretá-la perfeitamente). No entanto, negligenciamos, primeiro, que, também como vimos, a Natureza não tem nenhum fim nas suas ações. Toda ideia de finalidade não passa de ficções da mente humana, e, em segundo, ainda que tivesse – como entre *os entes de razão* e *os entes reais* não se dá nenhuma conveniência –, nunca conheceríamos estes por meio daqueles. Não obstante, o autor da *Ética* está dizendo que a epistemologia correta é aquela que se propõe a explicar como a própria Substância conhece os *entes reais*. Não como uma suposta substância humana poderia conhecê-los. A razão aponta à intuição, este é o gênero do conhecimento capaz de conhecer a Natureza. Veja bem, a razão não funciona como um dispositivo epistemológico capaz de “traduzir”, “interpretar” ou “explicar”, a Natureza, não é esta a sua função, ainda que a tenhamos tratado como tal. A razão revela o trampolim, ela não é capaz de interpretar o salto. E neste sentido, tal como Wittgenstein preconizou em sua grande obra: do que não se pode falar, deve-se calar.

PM, PI, cap. 1, p. 201). Espinosa não expôs uma metodologia com a qual o homem pode conhecer a natureza, mas, de modo distinto, revelou as próprias maneiras pelas quais a natureza mesma se compreende.⁷

Todo o conhecimento parte da imaginação. A partir das noções gerais, conhecemos as ideias adequadas, conhecemos a via para a qual devemos nos empenhar em dirigir todos os nossos pensamentos. Em segundo lugar, as ideias adequadas mostram qual deve ser a melhor percepção, mostram o caminho para chegar à nossa perfeição (ESPINOSA, 2015b, TIE, §49, p. 53). O **“verdadeiro Método não é buscar um signo da verdade [...], mas que o verdadeiro Método é a via para que a própria verdade, ou as essências objetivas das coisas, ou as ideias sejam buscadas na devida ordem”** (ESPINOSA, 2015b, TIE, §36, p. 47). Por este motivo, Espinosa afirma, algumas vezes, que o primeiro passo é distinguir entre as ideias verdadeiras e todas as demais percepções. A disciplina e a rotina serão também fundamentais para chegar e conservar este nível de entendimento. Neste sentido, angariar uma forma reta e objetiva de viver para não perder tempo com os imprevistos ordinários.

Quando entendermos que conhecer as maneiras pelas quais podemos conhecer é o próprio conhecimento, saberemos que “tal Método será perfeitíssimo quando tivermos a ideia do Ente perfeitíssimo” (ESPINOSA, 2015b, TIE, §49, p. 53). De tal modo que o segundo gênero do conhecimento — a razão — funciona como índice desta ideia perfeitíssima, mas que, todavia, não a alcança. A razão “nos anuncia o sumo bem a fim de despertar-nos para que o busquemos e nos unamos a ele,

7 Novamente: “Não há nada fora da substância. A própria substância tem que responder por si mesma sendo entendida: tem que se entender” (KAUFFMAN, 1940, p.91, tradução nossa).

união que é nossa suprema salvação e felicidade” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, cap. XXVI, §6, p. 150). O Ente perfeitíssimo, ou seja, a Natureza, só pode ser compreendida quando nos unimos a ela, quando **participamos** dela, e não quando a interpretamos com os signos da imaginação. União que só ocorre por meio do terceiro gênero do conhecimento, esta é a fonte da maior satisfação que na mente pode existir.⁸ A superação da interpretação subjetiva envolve compreender que é do terceiro gênero do conhecimento que nasce o amor intelectual de Deus, não “enquanto o imaginamos como presente, mas enquanto compreendemos que Deus é eterno. É isso que chamo de amor intelectual de Deus” (ESPINOSA, 2013, EV, P33, p. 399).

É a expressão que estabelece o entendimento e revela a causa de sua produção. Portanto, a expressão conecta Deus (natureza naturante) e seus modos de ser (natureza naturada). A Natureza compreende tudo que expressa, porque ao expressar a explica — produzimos como nos entendemos. Neste sentido, é que todas as ideias verdadeiras são expressivas e as ideias inadequadas inexpressivas (como todas as características extrínsecas). Quando expressamos uma ideia adequada, revelamos a causa da sua produção de uma perspectiva interna e não externa à coisa; de outro modo, quando definimos a coisa por ideias extrínsecas, permanecemos da perspectiva das formas da minha *percepção*, ou seja, permanecemos externos à coisa. Nesta conjuntura, o máximo que podemos fazer é comparar a ideia verdadeira com a coisa que *percebo*. Por exemplo, se digo que uma suposta característica da ideia verdadeira de *sol* é que ele “‘nasce’ dia após dia”, estou apenas comparando a ideia

8 Cf. ESPINOSA, 2013, EV, P32 e P33, p. 399. Vale notar que nestas proposições, Espinosa revela mais claramente que o terceiro gênero do conhecimento envolve a alegria, e daí decorre que precisamos compreender este gênero, também, como uma afecção.

de sol (inadequada que possuo) com o sol mesmo que vejo todos os dias. Este exemplo deixa mais claro o porquê das ideias extrínsecas, de fato, não explicarem nada da ideia verdadeira, posto que não afirmam nada da coisa, mas do modo como as percebemos; ou seja, conservamos a noção tradicional de verdade como correspondência. Contudo, necessitamos conceber o conteúdo material, assim como a forma lógica verdadeira da ideia, e estes só podem ser alcançados quando entendemos a causa de sua produção na expressão.

O objetivo supremo da doutrina espinosana é conhecer as coisas por meio da *ciência intuitiva* — “o esforço supremo da mente e sua virtude suprema consistem em compreender as coisas por meio do terceiro gênero de conhecimento” (ESPINOSA, 2013, EV, p25, p. 393). Conhecer a Natureza não é conhecer o conjunto de todas as coisas particulares, mas conhecer nossa potência de compreender ou nosso *entendimento*: ela descreve o caminho para o conhecimento e deduz, a partir dele, a condição da beatitude como plena efetivação de nossa potência. É porque conhecemos como conhecer que podemos conhecer as coisas na sua mais íntima singularidade e não ao contrário, quer dizer, não é porque conhecemos cada coisa que sabemos o que é conhecer. Nem poderíamos querer conhecer algo antes de saber o que é conhecer e como a Substância conhece.

Na EV23, Espinosa afirma que a “mente humana não pode ser inteiramente destruída juntamente com o corpo: dela permanece algo, que é eterno”. Este algo eterno é a ideia que exprime a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade, quer dizer, um modo de pensar, que pertence à essência da mente. Quando a mente compreende as coisas da natureza sob a perspectiva da eternidade, não compreende as coisas a partir de suas características na existência e duração, mas a partir de uma

perspectiva eterna da essência dos corpos. De tal modo, que esta perspectiva só é realmente alcançada por meio do terceiro gênero. “Quem conhece intuitivamente pode ser comparado com um Buda” (WIENPAHL 1979, p. 116, tradução nossa). Quando alcanço uma perspectiva eterna das essências das coisas, converto-me em uma ideia verdadeira ou em um modo de ser ente real. Devemos considerar que o conhecimento intuitivo é um modo de comportar-se afetivamente, e não é meramente racional.

Por fim, vemos também que o raciocínio não é o mais importante em nós, **mas somente como uma escada** que nos permite nos elevarmos ao lugar almejado; ou como um bom espírito que, fora de toda falsidade e engano, nos anuncia o sumo bem a fim de despertar-nos que o busquemos e nos unamos a ele, união que é nossa suprema salvação e felicidade (ESPINOSA, 2014, BT, III, cap. XXVI, §6, p. 150, grifo nosso).

Espinosa expôs uma dinâmica de conhecimento da Natureza que só pode se realizar quando compreendermos as coisas da extensão e as ideias do pensamento de um ponto de vista interno, e não externo às coisas. Para alcançar essa perspectiva, é necessário buscar suplantá-la, de algum modo, o ambiente da existência, posto que “a eternidade não pode ser explicada pela duração” (ESPINOSA, 2013, EV, P29, p. 395). A “vida pessoal no tempo, segundo Espinosa, não importa; não são essas unidades circunstanciais e contingentes dadas pela memória que constituem nossa essência eterna” (PINHEIRO, 2009, p. 47).

Talvez, a proposição mais importante e enigmática que devemos analisar seja a EV36. Quando Espinosa afirma que o amor intelectual de Deus, pelo qual ele ama a si mesmo, é o mesmo amor intelectual que a mente tem para com Deus, enquanto compreende a natureza de uma

perspectiva da eternidade (cf. ESPINOSA, 2013, EV, p36, p. 401), notamos que o autor insere uma modificação, propriamente um afeto, para elucidar a união entre a mente humana e Deus. Uma categoria que não pode ser compreendida apenas por uma atividade meramente racional, pois esta não será capaz de, realmente, fruir as coisas que compõem a Substância e realizar esse amor. Fruição que só será adequadamente efetivada quando ascendermos a uma perspectiva eterna das coisas do mundo. Ascensão que, por sua vez, apenas atingiremos quando vislumbrarmos uma maneira de participar ou de se envolver nisso que a consciência imaginativa só é capaz de interpretar. Há uma qualidade da mente humana que não está retida na matriz da experiência da duração, capaz de conceber o infinito como atual em todas as coisas. Espinosa afirma que nossa salvação consiste neste amor constante e eterno para com Deus, o que é o mesmo que dizer: no amor de Deus para consigo mesmo. Também podemos intitular este amor de *satisfação do ânimo*. Para *fruir* da natureza das coisas, devemos entender que só alcançaremos seu cume, sua singularidade, quando concebermos, perfeitamente, o “conhecimento da união que a mente tem com a Natureza inteira” (ESPINOSA, 2015b, TIE, §13, p. 33).

A tradição cartesiana concebeu uma Substância infinita distinta das coisas que gera no mundo, causando-as apenas de forma análoga às coisas que cria. Por outro lado, para Espinosa, a Substância é causa de si, do mesmo modo como é causa das coisas que expressa. Descartes desvelou Deus como causa eficiente das coisas que origina; todavia, para Espinosa, ele ignorou que apenas a causa formal é causa de si. O autor das *Meditações* (1979) negligenciou a compreensão de uma razão lógica pela qual a causa de si é expressa. Os modos não compõem a essência da Natureza sem constituir sua existência, tampouco podem exprimir a

essência sem exprimir a existência lógica que dela sucede. É neste sentido que a existência se concilia com a essência. Assim, a causa de si tem uma razão lógica formal não só por analogia, mas eficientemente. Deus age como existe.

Os atributos não podem ser compreendidos como espelhos que refletem a Substância, mas como elementos autômatos. Tendemos a pensar que somos nossos corpos, mas nossos corpos não pensam que pertencem a quem pensamos que eles pertencem, eles cumprem sua própria agenda e cadeia de apetite. Não podemos enxergar os atributos como simples características. Eles são, de certo modo, atribuidores, não são apenas qualidades atribuídas a algo. Eles possuem um valor expressivo, estão em um eterno movimento. Eles não são mais meros acidentes ou coisas subjetivas. Eles exprimem uma essência infinita.

“A experiência da nossa eternidade não se refere ao conhecimento das afecções do corpo, nem ao conhecimento da essência do corpo” (MOREAU, 1994, p. 547). Quando o autor nos diz que a mente pode viver sem o corpo, sabemos que alguma coisa resta desta vida para a eternidade.⁹ Deduzimos que são elas as ideias adequadas que, por sua vez, são expressões do infinito para o infinito. É nestes momentos que podemos afirmar que Deus conhece a si mesmo. A expressão é fundamental para apreendermos a dinâmica de conhecimento espinosana. Ao se exprimir, a Natureza se explica. A explicação é um envolvimento com isso que se explica. Envolver é explicar. A expressão é, assim, uma manifestação das particularidades na totalidade. A Substância se expressa no todo, ou seja, o todo envolve suas partes. A essência de Deus age formalmente

9 “A mente humana não pode ser inteiramente destruída juntamente com o corpo: dela permanece algo, que é eterno” (ESPINOSA, 2013, EV, p36, p. 401).

nos modos que constituem sua natureza, e objetivamente na ideia que exprime essa natureza. A essência objetiva é uma potência de Deus. Não existe um ser que seja a causa de todas as coisas sem que também seja causa de fato das ideias. Para tudo que existe de maneira formal há uma ideia que objetivamente corresponda a esta formalidade.

Participamos emanativamente: tudo é emanado. A participação acontece enquanto há entrega: entregamos para participar. A modificação compartilha da ação, ou seja, da expressão durante o tempo em que, definido absolutamente por aquilo doado, coincide com o concessor. Quando a mente humana compreende a eternidade, compreende o amor intelectual de Deus para consigo mesmo — esta coincidência reúne causa emanativa e a causa imanente.¹⁰ A modificação causa, mas esta causa está para além de sua total compreensão em um sentido cognoscível. Nenhuma “coisa criada pode existir por sua natureza sequer um instante, mas é continuamente procriada por Deus” (ESPINOSA, 2015a, PM, cap. 12, p. 259). A Natureza que emana, emana porque apreende, e compartilha de uma emanção da qual as coisas se originam e coincidem — o que emana causa o mundo, não obstante, é causa pois compartilha de uma emanção. A imanência absoluta se expressa absolutamente em todas as modificações. Observamos a natureza da perspectiva da eternidade, na qual compreendemos diretamente Deus por meio das essências formais das coisas do mundo. **A imanência não opera por analogia;** “todas as coisas existem em Deus e dele dependem de tal maneira que não podem existir nem ser concebidas sem ele” (ESPINOSA, 2013, EI, Apêndice, p. 63).

¹⁰ Arriscaria relacionar esta passagem com o trecho das Teses de Feuerbach: “A coincidência da mudança das circunstâncias com a mudança da atividade humana ou com a mudança dos próprios homens só pode ser concebida e entendida racionalmente como prática revolucionária” (MARX, 1990, p. 1).

Afirmarmos que, por meio das essências das partes, podemos alcançar o entendimento de Deus.

É preciso considerar que uma causa passageira é aquela cujas produções são exteriores ou fora de si mesma, como alguém que joga uma pedra no ar. Ou um carpinteiro que constrói uma casa. Ao passo que uma causa imanente age interiormente e se detém em si mesma, sem sair de modo algum. Assim, quando nossa alma pensa ou deseja alguma coisa, ela é ou se detém nesse pensamento ou desejo sem dele sair, sendo sua causa imanente. É dessa maneira que o Deus de Spinoza é a causa deste Universo, onde está e não além (SPINOZA, 2014, p. 344).

É na expressão que Deus se explica e se compreende. Deus se expressa no mundo e o mundo exprime suas particularidades. A parte eterna de cada atributo é a propriedade pela qual Deus produz tudo o que a mente concebe como existente na duração. Por meio dos Modos, Deus informa suas modificações da potência que lhes é devida; neste caminho Deus e seus atributos se harmonizam. Cada modificação possui uma *aptidão* — ou *poder* — para agir, existir e perseverar na sua existência; em outras palavras, cada parte tem sua potência. Padecemos, exatamente, quando não somos a causa adequada dos acontecimentos que nos envolvem e nos explicam. Sofremos quando somos afetados por partes da natureza que não podemos explicar por nós mesmos (ESPINOSA, 2013, EIV, p2, p. 273), de outro modo, agimos quando somos causa adequada dos eventos que nos envolvem. Deste modo, somos, assim, conscientes do alinhamento existente entre nossas ações e o eterno amor de Deus para consigo mesmo.

Procuramos mostrar como o primeiro e segundo gênero do conhecimento de Espinosa — a imaginação e a razão — não podem superar o campo das significações. Seus objetivos não são, propriamente,

dar significado às coisas, mas desvendar o caminho para o conhecimento verdadeiro da natureza. Este não pode ser objeto de interpretação, ele só pode ser alcançado por meio da expressão da ideia adequada. As ideias adequadas são as ideias expressivas – intrínsecas. Apenas a definição genética nos conduz à verdade das coisas posto que nos coloca na perspectiva de suas criações. Os significados que criamos para definir as coisas não as explicam adequadamente, talvez, no máximo, nos deem uma certa referência, mas não constituem definições genéticas ou causais de Deus. A revelação desta verdade genética é uma expressão. A “oposição entre as expressões e os signos é uma das teses fundamentais do espinosismo” (DELEUZE, 2017, p. 201).

Devemos notar que o fato do efeito depender da causa não presuppõe que a causa eficiente seja a única razão do movimento existente, porque se buscarmos seguir a cadeia lógica das causas de qualquer efeito na duração, seguiremos em um infundável abismo. Se o mundo não possuísse leis internas que estruturassem a dinâmica de suas mudanças, ele não mudaria nunca. Todas as causas das coisas móveis e singulares na existência expressam imanentemente uma causa formal. E esta mesma dinâmica revela (através da expressão) sua estrutura e conteúdo formais. Todavia, a mente humana, ao não refletir sobre si mesma, reflete sobre as imagens desta estrutura e conteúdo. Deste modo, não supera a ideia clara e distinta, permanecendo no conhecimento do efeito, mesmo que cada vez mais distinto e claro.¹¹ Apenas a causa da ideia, à medida que

II Como, por exemplo, quando a psiquiatria avança cada vez mais na distinção e clareza do efeito de uma certa patologia no corpo humano, e assim, desenvolve cada vez mais “remédios” que busquem “desligar” o efeito no lugar exato da aparição na duração no corpo humano. Todavia, neste sentido, não superam a ideia clara e distinta do efeito em busca de sua causa imanente.

se expressa na expressão, revela a essência íntima das modificações dos Modos da Substância.

A Substância expressa a essência formal, que é o que de fato produz immanentemente o mundo. A Natureza se expressa em si e para si, e, neste sentido, todos seus modos são os mesmos, ela compreende tudo o que explica e envolve. A ideia adequada surge porque a compreendemos: produzimos como nos entendemos. Agimos quando compreendemos e padecemos quando nos apaixonamos. A expressão da Natureza envolve, ao mesmo tempo, sua compreensão e sua explicação. Ela não se expressa de maneira formal, sem se entender de maneira objetiva. Quer dizer, quando a Natureza se expressa, ela também está se explicando. Espinosa sempre lembra que toda ação da Natureza é necessária, tudo o que se expressa revela a verdade de sua produção.

Com efeito, só temos potência para compreender ou conhecer na medida em que **participamos** da potência absoluta de pensar, que corresponde à ideia de Deus. Quando Espinosa lembra, ao contrário, que Deus se faz conhecer imediatamente, que ele é conhecido por si mesmo e não por outra coisa, ele quer dizer que o conhecimento de Deus não precisa nem de signos, nem de procedimentos analógicos (DELEUZE, 2017, p. 156, grifo nosso).

Os homens nunca alcançarão o conhecimento verdadeiro da Natureza enquanto insistirem em buscar conhecê-la através de algum signo ou de qualquer relação analógica que exija intermediários. Enquanto o homem fundamentar o conhecimento da Natureza na compreensão de seus signos, tomará “as afecções de sua imaginação pelas próprias coisas” (DELEUZE, 2017, p. 156). A ideia verdadeira não é um significado verdadeiro, mas uma ideia adequada, ela é aquela que expressa sua própria causa, que se explica ao se exprimir; já a ideia inadequada é inexpressiva.

Para dar uma definição intrínseca, precisamos definir a forma lógica das ideias que não se confunde com as maneiras pelas quais nós as compreendemos.

Temos tomado a razão como a ferramenta epistemológica capaz de compreender a Natureza e conduzir o homem a uma vida superior. No entanto, Espinosa nos revela que sua verdadeira função não é propriamente entender a Natureza, mas “nos anunciar o sumo bem a fim de despertar-nos para que o busquemos e nos unamos a ele, união que é nossa suprema salvação e felicidade” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, cap. XXVI, §6, p. 150). Deus, ou seja, a Natureza, só pode ser compreendida quando nos **unimos** a ela, quando **participamos** dela. União que só ocorre quando concebemos Deus, não “enquanto o imaginamos como presente, mas enquanto compreendemos que Deus é eterno. É isso que chamo de amor intelectual de Deus” (ESPINOSA, 2013, EV, p32, cor., p. 399). Amor que, de certo modo, conecta a natureza naturante e a natureza naturada. Conhecer a Natureza é conhecer nossa potência de compreender. Sendo assim, não poderíamos querer conhecer algo, sem antes saber o que é conhecer.

Constatamos que, em suma, na coisa extensa não há nenhuma outra modificação além do movimento e do repouso, “cada coisa corpórea particular não é outra senão uma certa proporção de movimento e repouso” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §14, p. 160). Logo, os homens também são uma certa proporção de movimento e repouso, de tal sorte que a essência objetiva, ou seja, a ideia verdadeira desta proporção, precisa existir no pensamento, a qual Espinosa chama de mente do corpo (cf. ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §15, p. 160). E à oscilação do equilíbrio desta proporção, para mais ou para menos, que, no *Breve Tratado*, o autor da *Ética* atribuiu às tendências opostas dos afetos, como

o calor e o frio (ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §15, p. 160). Nesta esteira, “se a mudança ocorre em uma parte é causa de que ela retorne à sua primeira proporção, daí se origina a alegria que denominamos repouso, exercício agradável e contentamento” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §16, p. 160). “Sem a virtude, sem a direção do intelecto tudo leva a ruína, sem que possamos gozar de nenhum repouso, como se vivêssemos fora do nosso elemento” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, cap. XXVI, §2, p. 149). A essência de um corpo pode ser caracterizada por uma certa quantidade de movimento e repouso¹² que oscila de acordo com leis universais e eternas da Natureza.¹³ A essência de um modo existe na medida em que é constituída por aquilo expresso pela Natureza. Enquanto não somos constringidos por causas externas¹⁴, temos a aptidão derivada das essências de nossos corpos de compreender os padrões de encadeamento lógico que nossos corpos devem seguir para receber e doar — precisamente, porque tudo o que ocorre, ocorre por um decreto divino. Deste modo, podemos expressar a causa adequada das coisas do mundo.

12 “A essência objetiva dessa proporção existente e que está no atributo pensante, dizemos que é a mente do corpo. Assim, se uma dessas modificações (o repouso ou o movimento) se altera para mais ou para menos, também a ideia se altera para mais ou para menos, também a ideia se altera na mesma medida; por exemplo se o repouso vem a aumentar e o movimento a diminuir, assim é causada a dor ou tristeza que denominamos frio. Pelo contrário, se o movimento é que cresce, assim é causada a dor que denominamos calor” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, Apêndice, §15, p. 160).

13 “Na extensão, a propriedade que Deus tem necessariamente para doar a todos os modos concebíveis é precisamente o movimento e o repouso, posto que é unicamente pelo *movimento e repouso* que os corpos podem aparecer; e com todas as suas leis, produzir tudo que existe” (MATHERON, 2011, p. 699, tradução nossa).

14 “Durante o tempo em que não estamos tomados por afetos que são contrários à nossa natureza, nós temos o poder de ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto” (ESPINOSA, 2013, EV, P10, p. 379).

Apontamos que Espinosa expôs uma teoria do conhecimento cujo objetivo maior é conduzir o homem à compreensão da Natureza por meio da *intuição*. Neste sentido, devemos abandonar, como vimos, de certo modo, uma concepção tradicional do conhecimento que não supera uma compreensão analógica da Natureza. A teoria do conhecimento espinosana concebe um entendimento que só se realiza, verdadeiramente, na medida em que **participamos** da natureza divina da singularidade de cada coisa. Esta participação será mais perfeita quanto mais perfeita forem minhas ações, que, por sua vez, dependem da perfeição do conhecimento que possuímos de Deus. Podemos dizer que a tranquilidade de meu espírito¹⁵ e a conseqüente felicidade ou satisfação de meu ânimo¹⁶ (nossa beatitude) dependem do entendimento da Natureza que possuo, pelo “qual somos induzidos a realizar apenas aquelas ações que o amor e a generosidade nos aconselham” (ESPINOSA, 2013, EII, p49, esc., p. 155)¹⁷ e a “suportar com igual ânimo uma e outra face da fortuna, pois certamente todas as coisas se seguem do decreto eterno de Deus, com a mesma necessidade da qual se segue a essência do triângulo” (ESPINOSA, 2013, EII, p49, esc., p. 155).¹⁸

Espinosa expôs uma teoria do conhecimento muito particular cujo objetivo maior é direcionar o homem à compreensão da Natureza por meio do terceiro gênero do conhecimento — da *ciência intuitiva*.

15 Nesta esteira, Espinosa afirma: “Pois o ignorante, além de ser agitado, de muitas maneiras, pelas causas exteriores, e de nunca gozar da verdadeira satisfação do ânimo, vive, ainda, quase inconsciente de si mesmo, de Deus e das coisas” (ESPINOSA, 2013, EV, p42, esc., p. 409).

16 Pois “quando se goza dele não se quer trocá-lo por nenhuma outra coisa do mundo” (ESPINOSA, 2014, BT, PII, cap. XXVI, §3, p. 149).

17 Ver em “*o quanto desta doutrina é útil*” n°1.

18 Ou seja, que a soma de seus três ângulos é igual à soma de dois ângulos retos.

Este tal gênero exige algo mais do que uma compreensão racional e analógica da Natureza, exige a apreensão de uma maneira pela qual o homem é capaz de **participar** da Natureza. Esta participação será mais perfeita quanto mais perfeita forem nossas ações. A equanimidade de nosso espírito¹⁹, e sua conseqüente felicidade ou beatitude, depende da qualidade da potência do conhecimento que temos da nossa natureza. Não “passa mais pela ideia de Deus, nem por uma correspondente potência de pensar, para chegar, em conclusão, a uma potência infinita de existir. Ela opera imediatamente na existência pela potência de existir” (DELEUZE, 2017, p. 95). Nossa verdadeira potência de pensar se revela na medida em que compreendemos adequadamente a mais íntima e a mais vívida relação de união entre a existência presente de nossos corpos e a eternidade de Deus.

19 Nesta esteira, Espinosa afirma: “Pois o ignorante, além de ser agitado, de muitas maneiras, pelas causas exteriores, e de nunca gozar da verdadeira satisfação do ânimo, vive, ainda, quase inconsciente de si mesmo, de Deus e das coisas”. (ESPINOSA, 2013, EV, p42, esc., p. 409).

A SPRINGBOARD FOR ETERNITY

ABSTRACT:The purpose of this article is to show a way in which the human mind can reach an eternal perspective of nature. Spinoza has exposed the possibility for our mind to understand the essence of bodies from an eternal perspective, which is not related to the present and actual existence of things. In this sense, I intend to show the importance of directing our understanding to the search for a way that surpasses the point of view of duration, so fundamental for the realization of true knowledge of Nature. Knowledge that will require something more than interpretations, signifiers and meanings. In the *Theological-Political Treatise*, we note that our mind, just because it contains in itself, objectively, “the nature of God and of its participation, has the power to form certain notions that explain the nature of things”. If we really want to understand Nature, we need to consider ourselves in an internal way, and not external to it. We will show that only through a non-anthropocentric analysis of the genres of Spinoza’s knowledge we can glimpse the conciliation between the essence of the Substance and the essence of the mode, and thus participate adequately in Nature. “Finally, we also see that reasoning is not the most important in us, but only a ladder that allows us to rise to the desired place” (*Short Traetise*).

KEYWORDS: Spinoza; Knowledge; Nature; Eternity; Intuition.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, R. (1979). *Meditações Metafísicas*. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural.

DELEUZE, G. (2017). *Espinoza e o Problema da Expressão*. São Paulo: Editora

- _____. (2019). *Cursos sobre Spinoza*. Fortaleza: EDUECE.
- ESPINOSA, B. (2013). *Ética*. 3ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- _____. (2014). *Breve Tratado*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- _____. (2015a). *Princípios da Filosofia Cartesiana e Pensamentos Metafísicos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- _____. (2015b). *Tratado da Emenda do Intelecto*. Campinas: Editora Unicamp.
- _____. (2008). *Tratado Teológico-Político*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- FRANKFORT, H. (1977). *The intellectual adventure of ancient man*. Chicago: The University of Chicago Press.
- KAUFFMAN, F. (1940). “Spinoza’s System as Theory of Expression”, In: *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. 1, n. 1, pp. 83-97.
- MARCONDES, D. (2002). *Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- MATHERON, A. (2011). *Etudes sur Spinoza et les philosophes de l’âge classique*. Paris: Ens Edition.
- MARX, K. (1990). *Teses sobre Feurbach*. São Paulo : Conrad Editora.
- MOREAU, P. F. (1994). *Spinoza : l’expérience et l’éternité*. Paris. Presses Universitaires de France.
- SPINOZA, B. (2014). *Obra Completa*. Tradução e notas de J. Guinsburg e Newton Cunha. Organização J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva.
- VICO, G. (1979). *Princípios de uma Ciência Nova Acerca da natureza comum das nações*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril.
- WIENPAHL, P. (1979). *The Radical Spinoza*. New York: New York University Press.